

**Universidade Eduardo Mondlane**  
**Faculdade de Filosofia**  
**Departamento de Graduação**

Benasse Zacarias Mabasso Rocha

**A Bioética diante da Diversidade Moral em Engelhardt Júnior**

(Licenciatura em Filosofia)

Maputo, Agosto de 2024

**Universidade Eduardo Mondlane**  
**Faculdade de Filosofia**  
**Departamento de Graduação**

Benasse Zacarias Mabasso Rocha

**A Bioética diante da Diversidade Moral em Engelhardt Júnior**

(Licenciatura em Filosofia)

Monografia Científica submetida ao Departamento de Graduação da Faculdade de Filosofia da Universidade Eduardo Mondlane, como requisito parcial para a obtenção do grau académico de Licenciatura em Filosofia.

**Tutora:** *Mestre* Nazarete Justino Raice

Maputo, Agosto de 2024

## DECLARAÇÃO DE HONRA

Eu, Benasse Zacarias Mabasso Rocha, portadora do Bilhete de Identidade nº 110100782538B, emitido pelo Arquivo de Identificação Civil de Maputo-Cidade, aos 14/06/2020, declaro que esta Monografia Científica é da minha autoria. Todas as fontes estão devidamente citadas ao longo do trabalho e constam da referência bibliográfica. Declaro, ainda, que este trabalho nunca foi apresentado em nenhuma outra instituição para obtenção de qualquer grau académico e nem como objecto de avaliação.

Maputo, Agosto de 2024

---

(Benasse Zacarias Mabasso Rocha)

## **DEDICATÓRIA**

Com muito amor e carinho, dedico este trabalho ao meu esposo, Laite Pedro Rocha, e, aos meus filhos, Gift e Wonderson de Laite Rocha.

## AGRADECIMENTOS

A presente Monografia Científica não seria possível sem a colaboração de várias pessoas, docentes, família, colegas e amigos.

À Deus pelo dom da vida.

À minha tutora, mestre Nazarete Justino Raice, pelas orientações, sugestões e, sobretudo, pela sua gentileza e simpatia prestadas desde o processo da elaboração do projecto até à sua materialização. Paralelamente, agradeço aos demais docentes do Departamento de Filosofia. Aos colegas do curso, em especial, Célio Bila, Celsa Rangel, Helena da Graça, por terem sido companheiros de referência e por me terem encorajado a não desistir do curso.

À minha família, destacando a minha mãe, Maria Madalena Muchanga, e meu esposo, Laite Pedro Rocha pelo incentivo, apoio moral e financeiro. Aos meus amigos, Olinda Cuna e Armando Bila, pelo apoio moral e material na minha permanência na universidade. Lembrando que, às vezes, ficava sem dinheiro de chapa nem de fichas. Estes, de forma pronta, prestavam-me a devida assistência.

E, por fim, a todos os que directa ou indirectamente contribuíram para que fosse possível a realização deste trabalho, muito obrigado!

## RESUMO

A presente investigação cujo tema é *A Bioética Diante da Diversidade Moral em Engelhardt Júnior* pretende reflectir em torno das condições que podem possibilitar a eficiência da Bioética diante da diversidade moral em Engelhardt, provocada pelos avanços da ciência em vários domínios, e que, de certa forma, perigara a integridade humana pelos riscos de manipulação genética, procedidos em seres humanos sem o seu consentimento. Nesta problemática, o nosso trabalho guia-se pelos seguintes objectivos: (i) analisar a possibilidade da efectivação da Bioética diante da diversidade moral, sendo que, de forma específica, procura (ii) contextualizar a emergência da Bioética; explicar o processo da sua centralidade nas controversas morais e, por fim, (iii) debater a Bioética como um factor do bem-estar social. A fundamentação teórica para a discussão do tema teve como base a obra de *Engelhardt e outras complementares*. A Monografia Científica discute três capítulos: o primeiro contextualiza e conceptualiza Bioética; o segundo trata da centralidade da Bioética nas controversas morais, e; o terceiro e último descreve Bioética como factor do bem-estar social. Para a materialização deste trabalho, usamos a *pesquisa bibliográfica* que consistiu na recolha e compilação do material que aborda questões da teoria ética da vida (Bioética) e outras obras que abordam a mesma temática, sendo que todas elas constam da revisão da literatura e da referência bibliográfica.

**Palavras-Chave:** Ética, Moralidade, Bioética, Biotecnologia, Manipulação e Consenso.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	7
CAPÍTULO I: CONTEXTUALIZAÇÃO DA EMERGÊNCIA DA BIOÉTICA, DAS ÁREAS DA SUA APLICAÇÃO E A SUA CONCEPTUALIZAÇÃO .....	9
1. Conceptualização .....	9
2. Antecedentes da Bioética .....	11
3. Áreas da Aplicação dos Pilares da Bioética .....	15
CAPÍTULO II: CENTRALIDADE DA BIOÉTICA NAS CONTROVERSAS MORAIS .....	19
1. Consequências da Desvalorização da Bioética .....	19
2. Necessidade da bioética na produção e aplicação do conhecimento .....	21
3. Dilemas morais e Bioética.....	24
CAPITULO III: BIOÉTICA COMO FACTOR DO BEM-ESTAR SOCIAL.....	28
1. Conservação e Desenvolvimento da Biodiversidade no Meio Ambiente .....	28
2. Fundamentos e Vantagens da Legitimidade da Bioética .....	30
3. Educação para a Sobrevivência como um desafio da Bioética .....	32
CONCLUSÃO .....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	37

## INTRODUÇÃO

A presente Monografia Científica tem como tema: *A Bioética Diante Da Diversidade Moral Em Engelhardt Júnior*. O mesmo resulta da constatação do avanço da ciência a vários domínios. Actualmente, com este salto científico, a comunicação torna-se flexível pela internet, através da interface dos computadores e telemóveis; o sector de transportes, por sua vez, aperfeiçoa os motores, para estes ganharem mais velocidade; doenças que outrora eram desafiantes para a comunidade científica encontram, hoje, a sua cura; com o desenvolvimento da tecnociência aumentam-se, em simultâneo, os riscos da extinção humana através dos poderes de manipulação de genes.

Por um lado, a nível mundial, chocam os poderes de manipulação pelos riscos de alteração das características naturais dos seres e poderes de criação e desenvolvimento de armamentos e que ameaçam locais distantes uns dos outros. As alterações climáticas demonstram cada vez mais o risco iminente do colapso da Biosfera. A Biomedicina é mais visada nos problemas mencionados por tratar de questões ligadas à vida, questionando experimentos em seres vivos sem o consentimento deles.

Por outro lado, os dilemas emergem do campo da medicina, ligados aos procedimentos de profissionais de laboratórios, médicos, profissionais especialistas em manipulação genética, e características físicas e fisiológicas dos seres vivos para fins de obtenção de lucros, por mera vaidade de alcance de uma meta fútil sem nenhum resultado que possa servir ao objectivo da ciência que garante o bem à humanidade como um todo.

Engelhardt Júnior nota a falência do projecto do iluminismo, com a sua convicção de criação de princípios éticos universais e uma ética livre dos preceitos não racionais da metafísica e religião. Com o desenvolvimento das tecnociências e da biomedicina, que cuida da vida, torna-se necessário repensar o problema do procedimento do Homem diante da queda do projecto da modernidade centrado na racionalidade.

Diante da contextualização descrita acima, a monografia tem como objectivo geral: analisar a possibilidade da efectivação da Bioética diante da diversidade da Moral. No que concerne aos objectivos específicos, o trabalho pretende: contextualizar o debate sobre a emergência da Bioética e a aplicação da mesma nas ciências; reflectir sobre o processo da centralidade da Bioética nas controversas morais, e; debater sobre a Bioética como factor do bem-estar social.

Buscam-se os fundamentos teóricos na obra de “Fundamentos da Bioética de Engelhardt Júnior” de 1998, na qual o autor apresenta a Bioética fundamentada no pluralismo, consenso e no consentimento a todos os níveis, defendendo, assim, a capacidade de fazer a diferença com a defesa do maior bem possível. Para além desta obra, a monografia está fundamentada noutras obras que abordam estes conteúdos, conforme consta na bibliografia.

Nesta Monografia, tomou-se como metodologia, a pesquisa bibliográfica, que se fundamenta na recolha e consulta de obras, devidamente referenciadas na bibliografia. Para a interpretação do conteúdo das obras consultadas, recorreu-se a técnica hermenêutica. Esta Monografia Científica encontra-se estruturada em três capítulos.

## CAPÍTULO I: CONTEXTUALIZAÇÃO DA EMERGÊNCIA DA BIOÉTICA, DAS ÁREAS DA SUA APLICAÇÃO E A SUA CONCEPTUALIZAÇÃO

Neste capítulo, contextualiza-se a emergência da Bioética e das áreas da sua aplicação nas ciências. Numa primeira fase, conceptualiza-se o termo Bioética e seus antecedentes, e; de seguida, descrevem-se as áreas da sua aplicação.

### 1. Conceptualização

A preocupação da Bioética tal como se evidencia nas primeiras abordagens de Potter tem como base os problemas da humanidade de carácter urgente, não localizados num país em concreto, mas sim com efeitos para a humanidade como um todo, o risco eminente à vida exigiam uma nova abordagem mais específica na defesa da vida e conservação da humanidade.

*"O termo Bioética teria sido usado pela primeira vez por médico norte-americano V. R. Potter, em 1970. Em seu livro Bioethics: a bridge to the future. Deve se tomar um novo debate para os problemas vitais do ser humano e do meio ambiente"* (DALL'AGNOL, 2022: 13).

Potter acima citado por Dall'agnol defender um novo foco para a bioética centrada no humanismo e uma visão global que salvaguardar a vida de todos os seres vivos, bem como a resolução dos problemas que possam surgir da evolução da ciência que requerem uma nova ética da vida.

*"O termo Bioética, etimologicamente, defini-se como ética da vida, estudo sistemático das dimensões morais, visão, decisão, condutas e normas morais das ciências da vida e dos cuidados de saúde, utilizando uma variedade de metodologias éticas"* (DA SILVA, 2008: 73).

O termo ético é descrito por Da Silva como ética da vida. Na definição supracitada, o autor enfatiza a necessidade de se preservar a vida, centralizando o cuidado com a vida como uma questão ética e multidisciplinar. Na mesma vertente, Gonçalves apresenta uma definição etimológica do termo Bioética focando-se, também, na questão da vida e preservação dos costumes que garantam a continuidade da vida saudável.

Segundo Gonçalves (2016: 8), do ponto de vista etimológico, a palavra “Ética” tem origem grega: *ethos*, que significa *morada colectiva e vida colectiva*. Por isso, o conceito de ética é usado para acções que promovam o bem comum ou a justiça no meio social. Os gregos utilizavam a Bioética no sentido de hábitos e costumes que privilegiassem a boa vida e o bem viver entre os cidadãos, e isso atrelou à ética o significado de modo de ser ou carácter, ou seja, um modelo de vida a ser adquirido ou conquistado pela humanidade por intermédio da disciplina rígida que lhe formaria o carácter e que seria transmitida aos jovens pelos adultos.

Ainda no contexto da definição etimológica do termo bioética, depois de Da Silva e Gonçalves ambos colocarem como questão essencial da vida, apresentamos a definição de Almeida abaixo citado que busca a definição etimológica, enfatizando-a no contexto das ciências da vida, não distanciando do elemento comum nas definições que é a defesa à vida.

*“Etimologicamente, Bioética deriva das palavras gregas bios (vida) e ethos (hábito, costume).*

*É definida pela Enciclopédia de Bioética de Reich como o estudo sistemático da conduta humana no âmbito das ciências da vida e da saúde” (ALMEIDA, 2018: 4).*

Almeida, assim como Da Silva e Gonçalves, destacam a bioética não somente como sendo abrangente ao homem, mas sim a vida como um todo, sistemático, por isso os três mencionam a ligação inseparável na definição da ética à vida e o bem-estar, que passa pela conservação das especiais das melhores condições de vida, respeito, importância e função de cada ser vivo.

“Ética” provém *ethike*, de *ethikós*: que diz respeito aos costumes-. Designa, também, parte da filosofia prática que tem por objectivo elaborar uma reflexão sobre os problemas fundamentais da moral e sentido da vida humana, os fundamentos da obrigação e do dever, natureza do bem e do mal, o valor da consciência moral, e do bem procedendo na colectividade (MARCONDES; JAPIASSÚ, 2001: 113)

A ética, como Marcondes e Japiassú, nos apresentam, é ligada aos costumes e finalidade da vida humana fundamentada nos parâmetros do bem e do mal, certo e errado. Englhardt Júnior apresenta a fundamentação da palavra ética, partindo, também, da raiz etimológica e da visão médica da ética aplicada tal, como ele a concebe.

*"A palavra ética é ambígua em si mesma. Primeiro, como sugere sua etimologia, pode significar o que é costumeiro, como aquilo que habitual para as pessoas, a ética semelhante a raiz das palavras moral mas plural (mores)" (ENGELHARDT JÚNIOR, 1998: 52-53).* Na

ética medicina, esses sentidos são encontrados nas obras do médico Grego Hipócrates, tratando com valores expectativas morais considerados certas, que constituem o quotidiano da prática da medicina.

## **2. Antecedentes da Bioética**

A pretensão de se criar princípios éticos imutáveis e racionalmente fundamentados, característica do projecto da modernidade de tudo submeter aos princípios racionais, enfrenta seus abalos, pois os princípios da regência da razão demonstram-se insuficientes perante os desafios que se apresentam a humanidade, exigindo a regeneração dos princípios éticos que possam responder ao desafio emergente de salvaguardar a vida como um todo.

*"O ocidental envolvia, em particular, uma suposição de que sua moralidade podia, em grande parte, ser conhecida e compreendida por meio da razão sem fé, mesmo quando a fé do ocidente fragmentou-se"* (ENGELHARDT JÚNIOR, 1998: 25). O ocidente acreditava que a moralidade poderia ser conhecida e compreendida por meio da razão sem fé, tendo entrado na modernidade com grandes expectativas na razão. As questões contemporâneas da Bioética surgem num contexto de decadência da perspectiva moral e da ligação a mudanças na ética e na convicção ontológica ocidental.

O momento do surgimento ou maior ênfase nas questões da vida ou ética aplicada, para Englhardt Júnior, é caracterizado pela decadência dos valores morais, que coincide com a queda do iluminismo que tenta eliminar a fé e a metafísica do processo de legitimação do conhecimento e princípios quotidianos, a ciência com os seus avanços ao mesmo tempo em que exige a análise dos seus resultados.

Os Estados Unidos mencionados como sendo o primeiro foco da defesa ou abordagem de questões bioéticas, a presentava maior interesse na biotecnologia desde os primórdios dos conflitos bélicos modernos, tendo sido o lar da invenção mais letal da historia, a bomba atômica cujos efeitos se fazem sentir-nos das actuais. A biotecnologia, no entanto, não apenas representa ameaças, assim como avanços com o alcance da cura e controlo de várias doenças.

*"Com o enfraquecimento da síntese religiosa do cristianismo ocidental cresceram o iluminismo e as esperanças de que a razão [...] poderia revelar o carácter da vida boa e dos cânones gerais da probidade moral. Fora de qualquer narrativa moral particular"* (ENGELHARDT JÚNIOR, 1998: 29).

A ideia de usar a tecnologia a favor da humanidade progride sem a observância dos riscos que possam surgir desse progresso, pois os cânones da probidade moral da modernidade mencionados por Englhardt, Júnior, não tinham, na sua fundamentação, a previsão dos riscos o que para Heck citado a baixo fundamenta a origem da bioética para o cumprimento da análise dos avanços científicos e acompanhamento da comunidade académica.

Na mesma perspectiva de Heck (2011:16-17), as origens da Bioética estão localizadas nas práticas que lidam a pesquisas e praticas científicas que geram preocupação na comunidade científica, e a necessidade de tratar, de forma urgente, as normas académicas no proceder da comunidade científica. A Bioética emerge com a necessidade da observância dos deveres. O modo correcto e incorrecto de se proceder diante dos desafios impostos na época pelo avanço generalizado das ciências biológicas e o refinamento extremado das técnicas de saúde no mundo avassalador do pós-guerra.

A Biotecnologia, enfatizada por Heck, é também objecto de análise por parte de Gonçalves, citado abaixo, que nota que para o seu desenvolvimento os cientistas assumem competências que, anteriormente, se reservavam apenas à natureza, à alteração de características das espécies, para fins de melhorias, assim como para fins particulares, gerando, assim, uma situação de medo constante.

O comando da biotecnologia tem levado algumas pessoas a pensar que os cientistas estão "brincando de ser Deus" ao desenvolver novas variedades. A alteração genética das espécies, tornando-as mais úteis ao homem, não é uma actividade dos tempos modernos. A inteligência humana vem sendo utilizada para alterar geneticamente as espécies desde a mais remota antiguidade. Naquela época, o homem utilizava os conhecimentos pré-mendelianos. No presente utiliza todo conhecimento gerado ao longo da história. Esse é o rumo natural da evolução do conhecimento científico. Na época que a biotecnologia dava seus primeiros passos, os meios de comunicação devotaram-lhe muita atenção. O interesse pelo assunto aumentou de forma inacreditável, e tanto pessoas informadas, quanto desconhecedor passaram a especular sobre as aplicações da biotecnologia, gerando expectativas que não se realizaram no tempo previsto. Suas vantagens no aumento da produção de

alimentos e na redução do uso de defensivos agrícolas já podem ser considerados (GONÇALVES, 2016: 213-214).

Sandel, Heck, Gonçalves e Englhardt comungam da mesma opinião, segundo a qual a Biomedicina deve ser o ponto de partida da análise dos problemas bioéticos bem, como os dilemas que têm origem às novas emergências resultantes da aplicação ou análise dos novos domínios da Biotecnologia, sobretudo, nas questões ligadas á defesa da vida e manutenção do bem-estar.

Segundo Sandel (20013: 14), as descobertas da genética apresentam-nos um só tempo, uma promessa e um dilema. A promessa é que, em breve, seremos capazes de tratar e prevenir uma série de doenças debilitantes; o dilema é que o nosso recém-descoberto conhecimento genético, também, pode permitir a manipulação da nossa própria natureza para melhorar nossos músculos, nossa memória e nosso humor; para escolher o sexo, a altura e outras características genéticas de nossos filhos, para melhorar nossas capacidades físicas cognitivas e do sexo.

*“Com a tecnologia, inventamos modos de manipulação novos e muito subtis, pelos quais a manipulação exercida sobre as coisas implica a subjugação dos homens pelas técnicas de manipulação”* (MORIN; 2005:110). O homem é manipulado pelas máquinas, a tecnologia possibilita o controlo dos cidadãos por parte do Estado, mantendo o seu domínio por via de aparelhos ideológicos desenvolvidos apenas para manipular.

*"O programa nazista de extermínio foi um prolongamento lógico de ideias sociobiológicas e doutrinas eugênicas [...] vidas desprovidas de valor e daí à solução final: a diminuição e destruição de vidas desprovidas de valor"* (BAUMAN, 1999: 49-55). Hitler descrevia as suas acções como um serviço à humanidade (matar os judeus como o discurso científico moderno da raça de uma qualidade atribuída imutável, irremediavelmente ordenada pela natureza).

A manipulação do conhecimento para o favorecimento de um regime político, justificado pelo pretexto do bem maior e formação de uma raça pura e a desvalorização das minorias étnicas, a busca de características físicas e intelectuais dignas de uma raça pura, através de um experimento médicos, manipulação genética, experimentos científicos em seres humanos. *"O fracasso do moderno projecto filosófico em descobrir uma moralidade canónica essencial*

*constitui catástrofe fundamental da cultura secular contemporânea e enquadra o contexto da bioética hoje"* (ENGELHARDT JÚNIOR, 1998: 34). A moralidade canónica já não se vislumbra como hipótese viável para a resolução dos problemas emergentes na Bioética, que surge para reivindicar o respeito à vida e à dignidade humana.

Para Strathern (1998:30), um dos projectos mais mortíferos da humanidade é a bomba atómica, que ocupou vários cientistas a serviço de uma invenção que não orgulha a humanidade, tendo provado, em grande medida que, mesmo a reunião de vários cientistas, pode resultar numa invenção que ajuda a humanidade ou colocar em risco a sua existência. Findo o projecto, os participantes deram-se conta do perigo a que sujeitaram a humanidade. Oppenheimer, na qualidade de director do projecto da bomba atómica, lamentou o resultado do projecto que encabeçou as consequências da invenção, da bomba atómica de urânio, lançada sobre Hiroxima e Nagasaki, matando mais de 60 mil pessoas.

A proclamação dos Estados Unidos, como berço das primeiras manifestações sistematizadas sobre os problemas da humanidade, ganha maior ênfase com os acontecimentos mencionados por Strathern, que lamenta o facto de as mentes brilhantes reunirem-se não para discutir e implementar projectos que possam edificar um futuro melhor para a humanidade, reuniram-se cientista para inventar instrumentos de subjugação da humanidade como a bamba atómica, que continua sendo uma ameaça eminente nos dias de hoje.

Estamos entrando numa era em que as tecnologias desafiam as nossas mentalidades e convicções morais e éticas com muita contundência e grande velocidade, não abrindo espaço e tempo para a reflexão e a ponderação necessárias à tomada de decisão sobre a própria vida. (MAZULA, 2008: 36).

A ponderação nos resultados das nossas acções é substituída pela centralidade das agendas políticas de supremacia e subjugação dos menos instruídos ou pelas agendas particulares de ganhos egoístas sem nenhuma preocupação com os terceiros. A gravidade da imprudência é, cada vez mais, agressiva tal como nos apresenta Mazula supracitado que a gravidade surge e se apresenta de forma violenta.

O iluminismo vislumbrou a hipótese de uma vitória da ciência sem a necessidade da fé e da metafísica, a vitória da razão, materializada pela ciência, não foi acompanhada pela previsão do cuidado, foi rompendo os limites da acção humana que são a não violência e cuidado com a vida como um todo, tal como defende Serres, na mesma perspectiva de Engelhardt Júnior,

pois, para ambos, a ciência falhou na sua vocação iniciada pela modernidade de servir de cânone para todos os domínios da vida. "*A vitória da ciência não passa de uma invenção do filósofo ou cientista, a fim de lograr os seus intentos de dominar e organizar o conhecimento, para isso, pauto pela separação de todos os elos, humanos e de análise*" (SERRES, 1990: 104). A Bioética vai nascer da necessidade de religar os elos da defesa da vida e regular os limites da ciência.

### 3. Áreas da Aplicação dos Pilares da Bioética

Segundo Marlasca citado por Reis (2019: 4-5), a Bioética tem como base as seguintes temáticas de análise i) *Reprodução humana*: controle de natalidade, aborto, inseminação artificial, fertilização in vitro, manuseio de gametas e embriões, maternidade substituta, clonagem, diagnóstico pré-natal, consultas genéticas, terapia génica, eugenia e esterilização; ii) *Intervenções no património genético*: manipulação do DNA humano e não humano; projecto genoma humano; iii) *Cuidados com os doentes terminais*, obstinação terapêutica, eutanásia em suas várias modalidades, suicídio assistido; iv) *Manipulação do corpo humano e seus órgãos*: transplante de órgãos, enxertos e próteses; v) *Manipulação de comportamento e personalidade*: neurocirurgia, modificações de comportamento por meios eléctricos, produtos químicos, vi) *psicotrópicos manipulação de seres vivos não-humanos e meios de comunicação*: plantas e alimentos transgénicos, experimentos com animais, armas biológicas.; vii) *Experimentação com seres humanos e seus germes*: gametas e embriões humanos; viii) *Problemas causados pelos modernos tecnologias em nosso habitat natural*: ecologia e ética ambiental, superpopulação humana, destruição de certas espécies; ix) *Problemas com a distribuição justa e equitativa dos recursos de saúde*.

Marlasca enumera em linhas gerais a totalidade da aplicação da Bioética ou ética aplicada, todas elas ligadas à vida e conservação da mesma. A Biotecnologia com o seu avanço permitiu o tratamento de doenças transmitidas de forma hereditária, tais como: câncer de próstata, cancro de colo de útero, mas os limites do bem e do mal são muito próximos na prática da Biotecnologia.

É necessário escolher algumas linhas de conduta como canónicas imorais, do contrário, a assistência médica e as atrocidades dos campos de concentração nazista podem ser, simultaneamente, passíveis de defesa assim como não. Na ausência de um método objectivo de decisão, quando os moralmente

desviados, são, também, moralmente, errados (ENGLHARDT JÚNIOR, 1998: 98).

Englhardt Júnior nota que o maior perigo nas ciências ligadas à vida é a ausência de cânones ou regras de conduta rigorosas, que possam advertir a humanidade dos desvios ou atrocidades cometidas contra a humanidade, favorecendo a minoria ou experimentos científicos que atentam contra dignidade humana. É necessário estabelecer os limites do correcto e incorrecto, do contrário nada se pode ser designado desviante ou correcto pelo procedimento e o objectivo.

*"A ciência física começam a fazer a sua entrada nos domínios da biologia em geral e da biologia humana em particular. As possibilidades práticas oferecidas pelo novo conhecimento podem dar mostras de ser tão irresistíveis como as dos antigos campos da tecnologia"*

(JONAS, 1994: 63). Jonas menciona o crescimento da Biomedicina, que cresce muito rápido, não sendo acompanhadas pelo crescimento ao mesmo ritmo da consciência com o dever de proteger a vida a que Engelhardt, Júnior supracitado denomina cânones de legitimação do correcto e incorrecto. Jonas toma como dever a necessidade da emergência de uma ética para a sociedade tecnológica para preservar a conduta correcta dos praticantes da Biociência ou da comunidade científica a todos os níveis.

Para Hacke (2011: 96), o ininterrupto incremento da qualidade de vida por meio do desenvolvimento técnico explica-se não apenas pelo fato de que o homem é um ser que faz e usa ferramentas, mas porque é um animal que se apodera do conhecimento. Não é de agora que os homens adquirem saber, não é apenas em nosso tempo que se vive numa sociedade do conhecimento. A sociedade humana foi, desde sempre, uma sociedade de conhecimento. Também o saber do homem tem uma história, do mesmo modo que as suas ferramentas, e ambas as histórias têm muito a ver uma com a outra, uma vez que se encontram intimamente entrelaçadas e pertencem ao mesmo destino.

A invenção é uma característica, genuinamente, humana, que inventa, desde os primórdios da humanidade, instrumentos para a caça, para livrar-se dos obstáculos impostos pela natureza, para além de melhorar a qualidade de vida, tal como defende Heck. A técnica, também, inventou máquinas que colocam em risco a existência da humanidade, devido ao seu alto poder de destruição. Da história de êxito da humanidade na invenção de instrumento, surge a

razão no centro do desenvolvimento da vida, no projecto do iluminismo, que não logrou os seus intentos na perspectiva de Engelhardt Júnior, a baixo citado.

*"A modernidade pretendia por meio descobrir um denominador comum, unindo as pessoas e revelando padrões morais comuns, desviando a centralidade de Deus pela razão com uma realidade que todas as pessoas pudessem partilhar"* (ENGELHARDT JÚNIOR, 1998: 63).

A credibilidade dada à razão, no projecto do iluminismo, não previu a sua queda, tal como defende Engelhardt, Júnior, pois falhou a busca por denominador comum dos princípios éticos universais e na orientação dos fundamentos da tecnociência, na produção de instrumentos para a melhoria da qualidade de vida com o mínimo risco das invenções modernas que maximizam os riscos de colapso da humanidade.

*"Ética não visa combater a tecnologia, mas quer ajudar a definir um ambiente tecnológico com mais responsabilidade. O ser humano, para ser feliz, age consciente e livremente, o que implica numa responsabilidade. E, por responder pelas suas acções"* (SANTOS, 1990: 35).

Sousa e Heck defendem a necessidade da observância dos limites do homem, da tecnociência e da biomedicina, estabelecendo-se instrumentos de previsão do menor dano ao homem e a todos os seres vivos, a criação das barreiras intransponíveis da defesa da vida é delegada à Bioética ou ética aplicada que tem como dever a defesa da vida pela busca das alternativas de proceder sem riscos ou com o menor risco.

Cabe à bioética conferir também, eventualmente, quais as consequências longínquas do desenvolvimento científico para a esfera do direito, para as estruturas sociais e para a autocompreensão das pessoas. Caso as pesquisas biotecnológicas possam alterar as condições de auto-referência e/ ou as relações dos homens com sua existência corpórea, há que suscitar um confronto entre as pesquisas em curso e a antropologia filosófica (HECK, 2011: 43).

A pesquisa para Hack, deve ser orientada para a melhorias das condições humanas, a biotecnologia confronta se com vários desafios, no que concerne ao estabelecer relações dialógica com os mais diversos domínios do conhecimento. Em especial com a antropologia e a filosofia como nos assevera Heck, para o qual a ciência deve ser humana acima de todos os objectivos.

Segundo Schotsmans et al (2002: 40), quando cada um sabe, exactamente, o que está certo e o que está errado, segundo a sua cartilha ética, não obstante todos os envolvidos alimentem convicções morais diversas, a Bioética brilha com a doutrinação de teses edificantes, quase sempre inobserváveis, quando não oneradas pela imoralidade explícita. A Bioética, somente, é oportuna, imprescindível e pertinente quando há ou se anunciam problemas normativos, ou seja, quando ainda não se sabe com maior ou menor exactidão, se algo é moral ou imoral, permitido ou não, enfim, se está em jogo um valor ou se está vigorando um antivaior.

A Bioética tem que ver com a reflexão sobre as nossas convicções, argumentos e juízos morais. A competência ética da reflexão torna-se imprescindível quando resulta de novos problemas e de situações desconhecidas, o ajuizamento normativo fica obscuro, e a decidibilidade moral satisfaz-se com o quotidiano.

*“A Bioética pode ser inserida de maneira mais ampla, pois, vinculando-se ao exercício efectivo da própria cidadania, ela aparece relacionada com as exigências da sociedade que indagam os próprios limites legais da prática”* (GONÇALVES, 2016: 193). Não há como a bioética não se interessar pelas pesquisas das ciências biológicas ou menosprezar as consequências imediatas e prolongadas da implantação dos resultados das pesquisas. Não há o porquê ignorar as previsões do impacto produzido, as mudanças ocorridas e as eventuais alternativas de acção que se abrem, a médio e longo prazo, à investigação biológica e à aplicação das biotecnologias.

*“Enquanto as raízes religiosas do consenso ético e metafísico estavam se fragmentando, o progresso nas ciências minava as interpretações estabelecidas quanto ao lugar do homem no mundo”* (ENGELHARDT JÚNIOR, 1998: 28). A Bioética é a verdadeira ciência da sobrevivência da vida e da preservação da identidade do Homem e da biodiversidade, por buscar o aprofundamento do sentido do bem ou do dever na acção humana.

## CAPÍTULO II: CENTRALIDADE DA BIOÉTICA NAS CONTROVERSAS MORAIS

Neste capítulo, discutem-se as consequências da desvalorização da Bioética, suas necessidades na produção do conhecimento e, por fim, apresentamos as abordagens ligadas aos dilemas morais e bioéticos.

### 1. Consequências da Desvalorização da Bioética

As descobertas da genética apresentam-nos num só tempo, uma promessa e um dilema. A promessa é que em breve seremos capazes de tratar e prevenir uma série de doenças debilitantes. *"Estamos num dilema é que a recém-descoberto conhecimento biogenético, denota a possibilidade de manipulação da nossa própria natureza para melhorar nossos músculos, nossa memória e o nosso humor; para escolher o sexo, a altura e outras características"*(SANDEL, 2013: 13).

A manipulação dos alimentos e animais pode oferecer vantagens na erradicação da fome quando aplicada de forma correcta com a finalidade não apenas gerar lucros para os executores, porém o risco da ausência ou desenvolvimento de propriedades nocivas a humanidade continua a ser uma hipótese a considerar.

Segundo Ponde (20: 2014), a alegria breve do consumo alivia o peso da chaga do vazio existencial. Não existe cura para a causa do ressentimento, mas sim existem modos distintos para nos relacionarmos com ele. Não há cura para uma verdade, apenas modos de enfrentá-la ou de evitá-la. A covardia contemporânea é nosso modo específico de evitar essa verdade íntima.

Escondemos o ressentimento resultante das condições de vida cada vez mais degradantes. A decadência da convivência social, o distanciamento entre a política e o bem comum cria um vazio que é preenchido, pelo que, podem ser chamados de *chaga do vazio existencial* que se fundamenta no consumo, não do essencial, mas do que as comunidades ou grupos de moda a diversão aprovam ou desaprovam.

Para Ortega y Gasset (2002: 145), é preciso evitar o pecado maior dos que dirigiram o século XIX, a defeituosa consciência de sua responsabilidade que os fez não se meterem alerta e em vigilância. Deixar se guiar pela pendente favorável que apresenta o curso dos acontecimentos,

embotar-se e faltar à missão de responsável. Hoje, torna-se necessária a ideia da responsabilidade que nos seja capaz de senti-la.

Ortega y Gasset defende a necessidade de agir com prudência, não seguindo as tendências impostas pelo momento, não se deve seguir, cegamente, as agendas políticas, pois podem não tomar a como elemento central a responsabilidade, se acção que passa, não apenas pela solidariedade, como também pela adopção de uma atitude que justifique a responsabilidade para com terceiros independentes das circunstâncias.

1) na essência das reivindicações éticas, em intuições no que parece ser auto evidentemente certo ou errado 2) em estudos de caso exemplares, 3) nas consequências das escolhas morais, 4) em uma ideia de escolhas sem preconceitos, 5) nas ideias de uma escolha moral, racional ou no discurso, 6) em uma explicação de jogo, 7) no carácter da realidade ou natureza, 8) em um apelo a princípios de nível intermediário, 9) em alguns pontos de referência moral que podem canonicamente dirigir a escolha moral (ENGELHARDT JÚNIOR, 1998:64).

Engelhardt defende que há necessidade de se adoptar, princípios da bioética que se fundamentem, na defesa do eticamente aceitável, na previsão das consequências morais das acções, escolhas sem não fundamentadas nos preconceitos resultante do diálogo e referencias morais do certo e do errado. No mundo contemporâneo *“Deus morreu, mas o homem não está lá muito bem e uma graça [...] se a crise do humanismo está seguramente ligada na experiência do pensamento deste século, ao crescimento do mundo técnico da sociedade racionalizada”* (VATTIMO, 1987: 30-33).

Uma das consequências do desenvolvimento industrial global pode ter sido a alteração do clima que terá provocado bastantes estragos na configuração do mundo como um todo, terrestre não sabemos que outras mudanças terão de superar os perigos que elas arrastam consigo. *“As oscilações das temperaturas são resultantes da interferência humana no clima mundial, não se pode ter certeza nem se ignorar esse facto, devendo admitir-se essa hipótese, levando em consideração o aumento do número de ciclones, tufões e tempestades”* (GUIDDENS, 2006: 31). Os modos de vida produzidos pela modernidade desvencilharam-nos de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não têm precedentes. Tanto em sua intencionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos anteriores.

*"O mundo ocidental inventou um modelo prometeico de dominação, de conquista da natureza, que afasta qualquer ideia de sabedoria, o problema da vida e da morte foi ocultado por esta agitação em que fomos envolvidos"* (MORIN, 2005: 48). O Industrial moderno tinha consequências degradantes, submetendo muito os seres humanos ao quotidiano, repetitivo. Entretanto, não se chegou a prever que o desenvolvimento das forças de produção teria um potencial destrutivo de larga escala em relação ao meio ambiente material. Preocupações ecológicas nunca tiveram muito espaço nas prioridades da modernidade.

Andler, Saint-Sernin, Fagot-Largeault (2005: 158), defendem que a comunidade científica é uma comunidade moral entre outras na espécie humana, e sua unidade só é inteligível sob a condição de um engajamento realista. Assim, as continuidades históricas são primeiramente comunidades em suas ideias reguladoras. Ser objectivo, conseqüentemente, é compreender-se a si mesmo como fazendo parte de uma comunidade e compreender o seu trabalho como fazendo parte de um projecto e de uma história a autoridade desse projecto que deriva dos bens internos à prática. A objectividade é um conceito moral antes de ser um conceito metodológico e as actividades das ciências naturais revelam-se ser espécie de actividade moral Engelhardt e Callaham.

Neste contexto apresenta-se a comunidade científica, como sendo uma comunidade ética no sentido de dever adoptar como princípio imutável a defesa do melhor benefício, centrar os fazedores de ciência a pautar pela melhor alternativa para reservar a vida e a conservação do meio ambiente.

*"O cálculo da melhor escolha depende de como se compra o bem, as consequências, as preferências e coisas desse tipo. Aquele que deseja opor-se pode. Apresentar uma abordagem revista do cálculo dos benéficos, dos prejuízos e utilidades"* (ENGELHARDT JÚNIOR, 1998: 73). Este defende a necessidade do cálculo no proceder da comunidade científica, não eliminado do risco inevitável, devendo submeter-se à análise, à acção para buscar-se à saída com maior benefício e menor prejuízo.

## **2. Necessidade da bioética na produção e aplicação do conhecimento**

A produção do conhecimento é um processo muito complexo que não pode ser confiado apenas ao cientista, deve ser um processo controlado e com objectivos claros, distintos a

ausência de assistência no contexto dos valores que devem nortear a conduta da comunidade científica. “*Não se pode negar a arrogância do cientista e a sua pretensão de saber mais que os homens comuns*” (ALVES, 1988: 166). A pretensão do cientista de querer saber mais que o homem comum não se pode sobrepor a responsabilidade de projectar o bem, os avanços científicos devem não apenas gerar vantagens para pequenos grupos, mas sim para maior numero de pessoas possível, causando o mínimo de impacto negativo.

“*Vivemos em um século, no qual mais pessoas foram assassinadas na causa das visões seculares de justiça, dignidade humana, rectidão ideológica, progresso histórico e pureza, do que moras em guerras religiosas*” (ENGELHARDT JÚNIOR, 1998: 46). A humanidade é acompanhada por conflitos que resultaram em derramamento de sangue, a modernidade multiplicou as capacidades combativas das superpotências que se impõe no cenário político mundial pela capacidade de matar e representar ameaças às civilizações com menor poderio bélico.

Segundo Ngoenha (1994: 89), é necessariamente falaciosa, uma ética que se preocupe com vida das gerações futuras, com homens de amanhã, mas que ignore os homens de hoje. Para não dizer que exige o sacrifício da vida dos homens de hoje, em nome da vida dos homens de amanhã. Não se trata de conservar a natureza, esquecendo os homens, trata-se de gerir a natureza de maneira a assegurar aos homens da nossa geração e a todas as gerações futuras a possibilidade de se desenvolverem e, talvez, mesmo simplesmente de viverem.

A busca por uma centralidade no proceder da humanidade e preservação da natureza para o usufruto das gerações vindouras é objecto de análise por parte de Ngoenha e Engelhardt Júnior, que defendem que a tarefa de aconselhar a comunidade científica para o benefício da humanidade não se pode relegar a indivíduos que se prendam numa perspectiva para solucionar os problemas da produção do conhecimento.

Muitos que trabalham com ética aplicada ou Bioética, seguem com a tarefa de aplicar a ética como se fosse já óbvio qual ética secular deveria se aplicar, muitos fornecem orientações como se existisse apenas uma Bioética aplicada essencial, uma regra ortodoxa que deveria orientar a todos nas decisões morais seculares e justificar todas as políticas de assistência à saúde (ENGELHARDT JÚNIOR, 1998: 34).

Nesta relação, entre ciência e tecnologia, ambas têm um contributo nos processos e valores sociais, sendo que a ciência é influenciada pelos valores sociais e a defesa da autonomia da

ciência vai considerá-la como a parte pura, limpa das impurezas sociais, políticas e económicas. A tecnologia é ligada às estratégias política e económica.

*“A bioética tende a se tornar um fórum para debates e decisões compartilhados e consensuais, em um contexto plural e secular social e ideológico, no qual nenhum grupo cultural tem a priori a última palavra, a solução definitiva”* (REIS, 2019: 3), ou mudamos nossos padrões de comportamento e interação ou todo o sistema vai entrar em decadência, todos os participantes podem contribuir com elementos e fazer propostas racionais até atingirem uma ética de preservação, ou a decisões, mesmo que sejam muito básicos compartilhados por todos.

Segundo Rodrigues e Valdo (2017: 5) lidamos com a natureza de forma mecanicista, buscando dominá-la e não estabelecer com ela um diálogo e uma relação de respeito e cumplicidade. Com o pobre, lidamos de forma caritativa ou filantrópica, ao invés de investir em ações que possam reverter em qualidade de vida, justiça social e dignidade humana. A produção baseia-se em um sistema económico que não tem levado em conta as pessoas e não se orienta por valores morais, de respeito, dignidade e justiça social. Nota-se, portanto, um descompasso entre o aumento dos recursos.

Rodrigues e Valdo acima citados são unânimes em denunciar que o avanço da técnica e os benefícios proporcionados ao ser humano não é revertido para a população e os problemas sociais são apresentados como de responsabilidade dos governantes. O desejo de construir um mundo estável, seguro e coerente, justo ou que pudéssemos ter controle, deslocam-se para a incerteza, a insegurança e a inflexibilidade que ocupam lugares cada vez mais centrais no modo de vida contemporâneo.

As diferenças sociais e de proceder ocorrem pela total falta de liberdade de pensamento e expressão. *“A liberdade de expressão deve ser o denominador, um elemento inalienável, pois para a Bioética, a resolução dos conflitos não é mais importante do que a análise dos fenómenos que geram estes conflitos”* (ENGELHARDT JÚNIOR *Apud* SCHORTSMANS, 2002: 19). A relação entre a Bioética e diferentes morais encontra-se nas diversificadas interpretações em relação à moralidade, onde prevalecem, em muitos casos, as escolhas

particulares de acordo com os valores inseridos nos indivíduos pela cultura de cada um, diante de uma respectiva social.

*"Hoje em dia, estamos na época da big science, da tecnociência, que desenvolveu poderes titânicos. Todavia, é preciso notar que os cientistas perderam seus poderes que emanam dos laboratórios"* (MORIN, 2005:126). A ciência necessitou da técnica para firmar a sua capacidade de materializar as ideias. A manipulação da grande ciência é reservada para a técnica o desenvolvimento na produção pelo aperfeiçoamento da técnica que adota os procedimentos científicos.

*"Todos os esforços empreendidos nas universidades e centros de pesquisa serão nulos caso não lidem com a questão da preservação da vida como vivemos, sentimos, trabalhamos, sonhamos e morremos"* (PONDE, 2014: 34). A defesa da vida, ideário central da filosofia de Engelhardt, ganha ênfase também na filosofia Ponde que alerta para a necessidade de se trabalhar em prol do legado a deixar para as gerações vindouras. Deve existir uma entrega abnegada às questões ligadas à vida e da sua preservação.

A Bioética, na produção de conhecimento, torna-se necessária, à medida que desperta a comunidade científica, a necessidade da adoção constante, dos princípios de vida, preservação e manutenção do meio ambiente para as gerações vindouras sem, para o feito, minar as outras áreas de produção do conhecimento. A Bioética enfatiza os limites da produção e criatividade do homem, com o desenvolvimento da genética e áreas associadas à manipulação da vida e doação de órgão.

### **3. Dilemas Morais e Bioética**

A preocupação com as questões ligadas à vida não é um objecto novo nas ciências, pois, desde a antiguidade, porém, nos nossos dias, torna-se um problema urgente a se tratar. Devido aos inúmeros desafios que se nos apresentam, apresentado um número crescente de desafios, dilemas bioéticos são discutidos desde antiguidade, a vida e a morte *"Platão e Aristóteles discutiram a moralidade do aborto e do infanticídio. Platão focava seus esforços na destinação de recursos para os cuidados médicos e o consentimento informado"*

(ENGELHARDT JÚNIOR, 1998: 55). A questão ligada a vida foi ganhando várias apreciações com o tempo, a modernidade mostra-se como a época que mais exigiu a emergência de uma nova forma de proceder na busca e tratamento do conhecimento, devido ao elevado potencial destrutivo e inovativo do conhecimento produzido na modernidade.

O controlo genético do homem levanta questões éticas inéditas, que desafiam a prática e o pensamento actual, o que não era possível anteriormente, pois o que está em causa é a imagem e a natureza do homem, pois a prudência, no proceder, passa a ser um dever ético, que deve ser aplicado no contexto do raciocínio hipotético que possibilita a análise e projecção das consequências das nossas acções antes da sua materialização (JONAS, 1979: 63).

Análise posterior da acção defendida por Jonas, acima citado, revela a necessidade de se suspender os egoísmos da comunidade académica e aceitar-se a solidariedade académica, o diálogo entre os cientistas de áreas de pesquisa diferentes, tendo como principal enfoque o desenvolvimento académico e o bem-estar social, resolvendo o que Engelhardt Júnior chama de confusões conceituais.

*"As controversas morais parecem insolúveis, ainda que seja possível demonstrar que algumas são resultado de confusões conceituais ou mal-entendidos de factos cruciais a respeito do mundo, podendo ser resolvidas em análise de informação"* (ENGELHARDT JÚNIOR, 1998: 55). As ciências da vida têm uma responsabilidade acrescida por deterem maior responsabilidade na criação das condições de manutenção da vida, a vocação para lidar com as condições de risco, a ciência da vida não podem ser objecto de mercantilização ou negociação.

Para Heck (2011: 81), a tecnociência de manipulação das células tronco-embrionárias fornece a matriz da eugenia negativa cuja panaceia tecnológica promete refazer qualquer tecido celular doente, desde os traumas da medula espinhal aos infartos do miocárdio, produzido por fertilização *in vitro*. A reprodução selectiva é vista como um método eminente de melhorar a raça, mas, desta vez, a selecção é positiva.

Vivemos num mundo em que a diversidade está por toda a parte, incluindo as ideias, genocidas, forma cometida em nome de regimes totalitários que reivindicam a supremacia racial. *"Atrocidades foram actos de regimes que aspiram a secularidade e professaram*

*sentimentos humanos, mas deixaram de tolerar a diversidade de factos e a pluralidade de visões morais que caracterizam a condição humana"* (ENGELHARDT JÚNIOR, 1998: 46).

A reivindicação do iluminismo de estabelecer um critério legítimo e universal não logra êxito, pois a razão eleita pela modernidade desvia-se da tarefa de melhorar a vida. Desvia-se do seu real objectivo, sendo usada para o cumprimento de agendas de regimes políticos totalitários, que subjagam através da violência e medo. Movimentos de defesa dos direitos humanos reivindicam o respeito pelos direitos humanos.

O Século das Luzes contribuiu fortemente para remeter ao domínio do irracional, pois a razão não é formada pela ciência. Ora, eu defendo que existe tanta racionalidade em Montaigne ou Verlaine como na Física ou na Bioquímica e, reciprocamente, por vezes, tanta irracionalidade dispersa nas ciências como em certos sonhos. A razão está estatisticamente distribuída por toda a parte: ninguém pode reivindicar a sua posse exclusiva, (SERRES, [198?]:74).

Por não haver possibilidade de dissociar o que consideramos vida de um conjunto variável de características biológicas, os avanços das ciências biológicas alteram cenários de origem que há milénios configuram o início da vida humana.

*"O consentimento, estabelecendo limites, do acordo em colaborar e a necessidade da união de visões morais diferentes dando origem a Bioética essencial que oferece orientações de como deve agir apropriadamente na condição de paciente, médico, enfermeiro ou cidadão"* (ENGELHARDT JÚNIOR, 1998:131-132). Deve-se respeitar a liberdade e garantir os melhores interesses das pessoas, os pacientes, muitas vezes, escolhem pautar por comportamentos que os médicos, enfermeiros sabem que ser perigosos, prejudiciais e letais. Os médicos e enfermeiros toleram estilos de vida prejudiciais e a negação em seguir o tratamento.

A experimentação com seres humanos encontra-se em curso em muitos campos do progresso científico e lugar da experiência tecnológica, uma vez que a ética diz respeito à acção humana, deveria concluir-se que a mudança de natureza da acção humana exige igual mudança na ética. O mínimo ético deve-se respeitar e garantir a centralidade da vida como um todo.

Nas visões de Schotsmans *et all*, (2002: 81), a clonagem reprodutiva poderia despertar temores de ressurgimento da eugenia: teríamos o direito de decidir quais propriedades e características humanas seriam preferíveis em comparação com outras. A própria escolha do sexo, por motivos não-médicos, já resulta em problemas análogos. Também, aqui, o objectivo é manipular uma característica básica do ser humano, que, na verdade, escapa à liberdade humana.

A liberdade humana não pode, em nenhum momento, ser colocada em causa, sem o consentimento do conhecimento por beneficiar a maioria de pessoas, por essa razão não pode ser legitimada com base em previsões de particulares. Por isso, o cientista deve buscar o mínimo ético.

Habermas leva em consideração um processo de circunstâncias que, criticamente, leva em consideração as teorias e os factos psicológicos e sociais, alguns modos de encarar a realidade e a moralidade são preferíveis por considerarem o carácter da razão recíproca dada no discurso.

### CAPITULO III: **BIOÉTICA COMO FACTOR DO BEM-ESTAR SOCIAL**

Neste capítulo, debate-se a bioética como um factor de bem estar social, centrada nos aspectos ligados: a conservação e desenvolvimento da Biodiversidade no meio ambiente; fundamentos e vantagens da bioética e sua legitimidade e, por fim, a educação para a sobrevivência como um desafio da bioética.

#### **1. Conservação e Desenvolvimento da Biodiversidade no Meio Ambiente**

O meio ambiente e todos os seres vivos devem ser priorizados, pois a decadência da biodiversidade representa uma ameaça à extinção da humanidade, por isso o cálculo de todas as nossas acções é indispensável para todos os seres humanos, dada a necessidade da defesa à vida e a garantia da existência autêntica, valorizando e respeitado a importância de cada ser.

*“Qualquer cálculo particular das realizações do bem, das utilidades, dos prazeres, das preferências ou das unidades hedonistas que exigem escolhas entre diferentes medidas do bem, das consequências dos prazeres, das utilidades e das unidades”* (ENGELHARDT JUNIOR, 1998: 73). A preocupação do autor é advertir ao risco da sobreposição dos prazeres à necessidade, e a utilidade particular é um risco possível à produção dos conhecimentos, pois os cientistas não estão isentos de sentimentos e necessidade características do ser humano.

*"A vitória da ciência não passa de uma invenção do filósofo ou cientista, a fim de lograr os seus intentos de dominar e organizar o conhecimento, para isso, pauta -se pela separação de todos os elos humanos e de análise"* (SERRES, 1990: 104). A organização do conhecimento não é apenas a obediência a um método, mas sim a obediência e valorização ao princípio da vida, no sentido geral, por englobar todos os seres vivos.

Capra (1996: 14) nota que os problemas com o meio ambiente ganham maior notabilidade, pois, os últimos anos do século passado são caracterizados por problemas globais que tendem a danificar a Biosfera e a vida humana de forma alarmante. A destruição da Biosfera pode ser irreversível. Assim, somos desafiados a reduzir em âmbito mundial, a extinção de espécies animais e vegetais numa escala massiva. A escassez de recursos naturais é ligada à expansão da população de forma descontrolada, o que pode conduzir aos conflitos étnicos e tribais.

Os problemas da razão instrumental coadjuvada pela técnica não se circunscrevem a um continente ou comunidade, pois fustigam todos os hemisférios conforme defende Ngoenha. *"A ecologia é um problema de todos os humanos, que põe em perigo a vida dos pobres e dos ricos dos brancos e dos negros"* (NGOENHA, 1994: 87).

Da Antiguidade, Idade Média e Modernidade, os problemas de natureza ecológica não receberam o devido tratamento, centravam-se em questões de existências. A Idade Média, em questões divinas; a Modernidade na centralidade antropológica, ao mesmo tempo em que o projecto de centralizar a razão em todas as esferas da vida colapsa, porque a razão não se mostrou suficiente para abranger todas as esferas da vida em a observância do carácter dialógico dos conhecimentos.

A violação da natureza e a civilização do homem caminham de mãos dadas. O homem aventura-se na natureza e subjuga às criaturas nela existentes. O homem usa das circunstâncias, conforme a sua vontade e necessidade, sendo limitado apenas pela morte. Todas as liberdades que ele se permite com os habitantes da terra, do mar e do ar deixa inalterada a natureza abrangente desses domínios e não prejudicam as suas forças geradoras (JONAS, 1979: 32).

A vontade do homem de explorar a terra na sua totalidade, através da invenção de máquinas que o permitam flexibilizar os processos de exploração e ganhos financeiros, as máquinas facilitam o trabalho do homem do mesmo modo que acelera a destruição do meio ambiente e a extinção das espécies. A natureza goza de autonomia, pois persiste sem a necessidade de terceiros.

A autoridade moral em política de assistência à saúde resulta da permissão contractual, das controversas da Biomedicina que provém de políticas públicas, devendo ser resolvidas, pacificamente, através de acordos em relação aos procedimentos de criação de regras morais baseadas no princípio, segundo o qual a força não pode ser usada contra os inocentes sem o seu consentimento.

A não violência na resolução de conflitos é uma característica indispensável, na medição de conflitos de procedimentos aceitáveis e não aceitáveis; o uso da força impõe às inocentes decisões de minorias detentoras de poder financeiro, sendo que a influência política e ideológica. a bioética na sua essência preza pela defesa dos oprimidos.

*“De todos os efeitos da poluição e da degradação ambiental em geral os mais ameaçadores são hoje em dia o efeito estufa e a degradação da camada de ozono, com consequência para o ecossistema da Terra difícil de prever em toda a sua extensão”* (SANTOS, 1999: 257). As intenções ou acções deixam-se ser imprevisíveis, dado os conhecimentos disponíveis que facilitam a previsão aproximada das acções humanas e resposta da natureza à agressão humana.

## **2. Fundamentos e Vantagens da Legitimidade da Bioética**

*i. sem permissão ou consentimento não há autoridade, ii. acções contra essa autoridade são meramente de acusação no sentido de colocar o violador fora da comunidade moral em geral e tornando lícita (mas não obrigatória) a força retaliatória, defensiva ou punitiva,* (ENGELHARDT JÚNIOR, 1998: 73). Consentimento implícito do indivíduo ou grupos e Estado tem autoridade para proteger os inocentes, ou seja, os grupos e Estados podem decidir pela assistência social.

O consenso colectivo não pode ser marginalizado por ser uma característica imprescindível para a defesa e difusão do bem em todas as esferas da vida à busca pelo bem, não podendo ser impulsionado pelo medo das sanções resultantes do desvio aos princípios, previamente, estabelecidos por comum acordo e conscientemente.

A culpabilidade ou inocência não se concebem se não em relação a Deus, exterior a este mundo onde o homem é tudo. A transcendência de um Deus conducente a assegurar ao mesmo tempo a separação e relação. O perdão divino a integralidade inicial ou faltando e do garante da sua soberania, assim inalterável (LÉVINAS, 2004: 40).

A noção de culpa colapsa-nos diante de um imperativo de pautar sempre pelo bem e não violação do garante humano e defesa da integridade do outro, a pluralidade demanda o comum acordo e ausência de danos. *“A finalidade da acção moral é alcançar os bens e evitar os prejuízos em uma sociedade pluralista secular, no entanto nenhuma explicação ou ordenação dos bens e prejuízos em particular pode ser estabelecida como canónica”* (ENGELHARDT JÚNIOR, 1998:159).

A *complexidade do corpo humano* é analisada por Morin, para o qual o corpo humano funciona de forma complexa e sincronizado e que todos os órgãos funcionam de forma

harmónica e sincronizada, realizando tarefas específicas o mesmo e exigido dos intervenientes sociais que cumpram as suas tarefas com zelo e abnegação.

*O humano dispõe de um corpo generalista, capaz de diversas adaptações e desempenhos, o que faz a sua insuficiência, faz, simultaneamente, a sua virtude. o cérebro humano torna-se cada vez mais potente, ligado a capacidade de execução de inúmeras tarefas* (CYRULNIK apud MORIN, 2003: 30). Os utensílios as armas vão permitir a execução de tarefas especializadas o homem é animado por uma acção complexa que liga, cérebro, mão, linguagem, espírito, cultura e sociedade, comporta as dimensões biofísicas e uma entrada psico-sociocultural.

*“A motivação para obedecer ao princípio encontra-se vinculada aos interesses em agir de um modo, que é justificável a pessoas pacíficas em geral que não justifica o uso da for defensiva e punitiva contra própria pessoa, defesa dos inocentes”* (ENGELHARDT JÚNIOR, 1998:158-159). Os médicos, enfermeiros e outros trabalhadores, no sector de assistência à saúde, desempenham complicados papéis morais, por causa do diversificado carácter da moralidade, pois, primeiro precisam viver a sua vida moral dentro de, pelo menos, dois mundos morais, duas dimensões morais, sendo que a primeira é da comunidade moral de onde tiram o significado pessoal e essencial, vivendo as suas realizações morais essências.

Segundo Leyotard (2009: 5), o novo estatuto que o conhecimento apresenta, nas sociedades informatizadas, os produtores e usuários do conhecimento tendem a modelá-lo de modo a assumir as características necessárias. O saber é produzido para ser comercializado, e, a sua valorização depende do seu consumo. O conhecimento pode, também, figurar como alvo de troca; o conhecimento transformou-se na principal força da produção. Modificou a composição das populações activas nos países desenvolvidos e constitui o principal ponto de estrangulamento dos países em vias de desenvolvimento.

O consentimento para todos os procedimentos aos pacientes deve ser consentido independentemente do Estado do mesmo. Os médicos não deveriam tratar, fazer experiências ou cuidar de um paciente competente sem a permissão desse indivíduo, estabelecendo as bases para fortes responsabilidades de respeito mútuo na assistência à saúde (ENGELHARDT JÚNIOR, 1998: 134).

A capacidade de sofrer ou de sentir prazer ou felicidade é a única fronteira defensável da preocupação pelo interesse alheio. Marcar esta fronteira com alguma característica como a

inteligência ou a racionalidade seria marcá-la de modo arbitrário. Se um determinado ser não é capaz de sofrer nem de sentir satisfação nem felicidade, não há nada a tomar em consideração.

Mazula (2008: 75) coloca como desafio para a sociedade moçambicana à busca de modelo ético de felicidade, apoiando-se em Santo Agostinho que coloca como condição para a construção da felicidade, a ciência, a instrução e a cultura, a educação, que torne o homem sábio e capaz de alcançar os seus bens honestamente e com moderação, pois, na sabedoria reside a plenitude, moderação do espírito e equilíbrio.

### **3. Educação para a Sobrevivência como um desafio da Bioética**

*"A responsabilidade de não matar e o direito de não ser morto sem a própria permissão soa mais forte que o dever de proporcionar recursos para salvar uma vida de alguém"* (ENGLHARDT JÚNIOR, 1998: 165). Não precisamos conhecer tudo a respeito de outra pessoa para saber que não podemos matar essa pessoa sem permissão, o respeito pela vida vai além dos laços de afinidade, independentemente, da sua origem ou proveniência, religião ou nacionalidade. O facto de ser homem já nos impede de romper o limite da barreira do respeito à vida, independentemente, da circunstância.

Segundo Ngoenha (1994: 95) sugere a criação de uma nova concepção da ética que não esteja reduzida a relação entre os homens apenas, que relacione também os homens à natureza, reconhecendo, deste modo, que vivemos contractualmente com a natureza, sendo que esta relação não é de carácter local, mas sim global.

A ausência de padrões específicos torna difícil exigir a rectidão do comportamento e acção da humanidade e dos demais:

O princípio da beneficência é exortatório e indeterminado, enquanto o do consentimento é consecutivo. Assim, é mais fácil determinar os padrões internacionais para o consentimento livre e informado em termos de respeito as pessoas, e bem mais difícil estabelecer um critério para um nível decente ou básico de assistência a saúde (ENGELHARDT JÚNIOR, 1998:139).

Em nome da subsistência, ecossistemas são destruídos sem a observância dos limites necessários à actividade humana (MOYO *et al*, 1993: 50). Estes pensadores afirmam que os mangais são ecossistemas que têm função ecológica de servir de viveiros de alguns crustáceos

de grande valor comercial como o camarão e peixes, além de protecção contra a erosão das dunas e outras funções, pelo que, a sua remoção pode resultar em degradação ambiental. Os recifes de corais, os quais constituem barreiras naturais contra a acção das ondas do mar ao longo da faixa costeira protegendo-a da erosão e outros efeitos destruidores do mar têm também sofrido pressão intensa pela concentração de aglomerados populacionais.

A destruição da natureza denunciada por Moyo relaciona-se ao que inteligência cega de Morin, pois a inteligência bem elaborada não coaduna com a destruição da vida seja ela humana ou dos demais seres vivos, sendo que nenhum conhecimento e no seu todo não dialogante com o outro a interligação ao diálogo entre os fazedores de conhecimento surge como imperativo à existência.

A inteligência cega destrói os conjuntos e as totalidades, isolando os objectos daquilo que os envolve, não podendo conceber a inseparabilidade entre o observador e o observado; a inteligência cega destrói as realidades chave que são desintegradas com a separação das disciplinas, pois as disciplinas das ciências humanas já não têm necessidade da noção de homem. Neste contexto, já não há associação entre os elementos disjuntivos do saber, já não são unidos e não se discute sobre eles (MORIN, 2003: 18).

Para além da inteligência cega de Morin podemos alinhar uma terceira instrução, que contempla sempre uma terceira possibilidade de acção, o que nos faz perceber que as nossas acções nunca são suficientemente acabadas há sempre probabilidade de uma terceira opção credível.

Segundo Serres (1993: 27) qualquer evolução ou mesmo aprendizagem exige a passagem por um terceiro lugar e, por isso, o conhecimento, pensamento ou invenção, não cessam de passar por um terceiro para outro terceiro lugar, expondo-se sempre, pois, ou aquele que conhece, pensa ou inventa depressa se torna nesse terceiro que passa. Nem posto nem oposto, sem cessar exposto. Um pouco em equilíbrio raramente em desequilíbrio, sempre afastado do lugar errando sem um *habitat* fixo, caracteriza-se pelo não lugar, pelo alargamento da liberdade.

O contracto natural surge como resposta à necessidade urgente e universal ao curto prazo, de salvaguardar a terra ou respeitar ao tempo, a intervenção tem de ser urgente, pois, se não formos rápidos e em curto prazo, teremos desaprendido, pois vivemos numa época em que a tecnologia demonstra capacidades não previstas que fascinam ao mesmo tempo em que entristecem pelo alto grau de capacidade de destruição e ameaça constante de destruição.

Morin (2003: 115-117) concebe esquemas cognitivos que podem atravessar as disciplinas. Morin defende ainda que o importante não é apenas a ideia de inter e de transdisciplinaridade. Devemos “ecologizar” as disciplinas, isto é, levar em conta tudo que lhes é contextual, inclusive as condições culturais e sociais, ou seja, ver em que meio elas nascem, levantam problemas, ficam esclarecidas e transformam-se. É necessário, também, o “metadisciplinar”.

A inter-relação das disciplinas não se circunscreve apenas a um local, sociedade ou nação, mas sim ao mundo no seu todo e os pólos ressentem-se dos problemas ambientais, causados sobre pretexto de garantir a subsistência, mas revelam-se ao serviço das agendas políticas e multinacionais.

Engelhardt Júnior (1998: 140) defende a ideia de uma comunidade pacífica, moldada pelo princípio de consentimento, é um elemento primordial na vida das pessoas, a moralidade deve ser abrangente em comunidades morais. A não adoção do princípio da moralidade não legitima a base para o discurso moral coerente em uma sociedade pluralista. no princípio da moralidade os pacientes não podem ser usados como meios.

Deve-se fundar a comunidade científica e a humanística, pois nem tudo que é cientificamente possível é eticamente aceitável. Segundo Singer (1993: 54), os seres auto-conscientes têm direito a um tratamento prioritário na consideração dos seus interesses, onde só é compatível com o princípio da igualdade na consideração de interesses se não for senão a afirmação de que algo que acontece aos seres auto-conscientes pode ser contrário aos seus interesses, ao passo que algo de semelhante não seria contrário aos interesses de seres que não sejam autoconscientes. Isto poderia dever-se ao facto de a criatura auto-consciente ter uma maior percepção do que está a acontecer, podendo enquadrar o acontecimento num contexto geral com maior duração no tempo, ter desejos diferentes.

*“Não faça aos outros aquilo que eles não fazem consigo mesmo e faça por eles o que foi contractado para fazer”* (ENGELHARDT JÚNIOR, 1998: 159). As Biotecnologias incluem todos os procedimentos de transformação de matérias-primas renováveis, e os de produção, por meio de cultivos celulares microbianos, animais e vegetais, ou seus diferentes componentes, de numerosas substâncias úteis para a humanidade. Os avanços da Biologia molecular, da genética e do metabolismo bacteriano contribuíram para o progresso das Biotecnologias, principalmente graças ao emprego.

Segundo Morin (2005: 42), a ecologia da acção indica-nos que qualquer acção escapa cada vez mais a vontade do seu autor, à medida que entra no jogo das inter-retroacções do meio em que intervêm. A acção não corre apenas o risco de fracasso, mas também desvio ou perversão do seu sentido. Morin afirma que acções nocivas podem culminar em acções felizes, porque provocam reacções divergentes, não sendo absolutamente certo que a pureza dos meios culmine nos fins desejados, nem que a sua impureza seja desastrosa, uma má acção pode resultar em boas consequências e uma má acção pode resultar em boas consequências. As acções não dependem apenas das boas intenções do seu autor, dependem também das condições próprias do meio em que se desenrola acção ecológica, preconizando a contradição e a incerteza na ética.

A educação ética, na sua dimensão global, deverá ter os seus fundamentos no reconhecimento do outro, na reciprocidade, no auto-respeito e, sobretudo, no alteridade, baseando-se numa pedagogia que leve a descoberta da universalidade e do particular e vice-versa.

Castiano (2005: 83-85) fundamenta a necessidade de uma educação multi (inter) cultural que tenha como centro uma ética global do reconhecimento recíproco entre as culturas, o que forneceria ao aluno moçambicano meios para firmar-se na globalização, educar para a globalidade, africanidade e para a moçambicanidade.

## CONCLUSÃO

Finda a Monografia Científica, intitulada: *A Bioética Diante da Diversidade Moral em Engelhardt Júnior* pode-se apresentar as seguintes notas conclusivas: Engelhardt Júnior critica o projecto da modernidade, pelo fracasso da centralidade da razão na emancipação da humanidade, do jugo da natureza, sendo a razão teve êxito na erradicação de doenças hereditárias e registou avanços na produção do conhecimento.

A engenharia genética ajuda no progresso da humanidade, quando usada para finalidades nobres. Engelhardt rejeita todas as formas de conduta que não observem a defesa à vida. Nota que a ciência progrediu e, ainda, progride, porém sem os cânones resultantes do consenso entre os cientistas e os beneficiários do conhecimento.

A pretensão dos cientistas de firmarem-se como indivíduos superiores numa sociedade pluralista sofrem críticas por parte de Engelhardt, pois, para este, não existe nenhuma superioridade entre os indivíduos, independentemente, das funções ou responsabilidades. A pretensão do paciente de firmar o legislador não logra êxito, pois há atropelos à ética e à ausência dos bons costumes. Demonstram uma vulnerabilidade que se evidencia logo a pós a queda do projecto da modernidade.

Da culpabilidade, Engelhardt nota a possibilidade da prevalência da Bioética no contexto da diversidade moral, tomando como princípio a defesa da vida. A pluralidade moral deve ser antes considerada uma qualidade, não uma fragilidade, visto que a pluralidade de opiniões leva a uma previsão de resultados, cada vez mais, eficaz, resultando de um acordo dialógico sem violência.

A violência é um factor que anula toda a pretensão de proceder de forma correcta à ética deve presar para Engelhardt pelo bem. *Todos os procedimentos realizados devem ser consentidos pelos pacientes e/ou beneficiar a humanidade, quando realizados em animais ou plantas. A busca pelo lucro não pode sobrepor-se à benevolência resultada da prática humana.* Somos responsáveis pela defesa, permanência e continuidade da humanidade como um todo e cada ser vivo, seguindo a máxima não prejudicar, mas sim salvaguardar tudo e a todos, garantindo a existência autêntica de tudo quanto possível para as gerações vindouras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Do autor

ENGELHARDT, JR, H. Tristram. (1998). *Fundamentos da bioética*. São Paulo, Loyola.

### De outros autores

ALMEIDA, Ana Teresa. (2018). *Entre a Bioética e a Ecologia: princípios e fundamentos*, Porto, IUCS.

ALVES, Rubem. (1988). *Filosofia das ciências: introdução ao jogo e suas regras*, São Paulo, Editora Brasiliense.

ANDLER, Daniel; ANNE, Fagot- largeault, BERTRAND, Sant-Sernin. (2005). *Filosofia da ciência I*. Rio de Janeiro, Atlântica Editora.

BAUMAN, Zygmunt. (1999). *Modernidade e ambivalência* Trad., Marcus Penchel, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

CAPRA, Fritjof. (1996). *Ateia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Trad., Newton Roberval Eichebberg, São Paulo, Cultrix.

CASTIANO, José P. (2005). *Educar para quê?: As transformações no sistema de educação em Moçambique*. Imprensa Universitária.

DA SILVA, Paulo Fraga. (2008). *Bioética e valores: um estudo sobre a formação de Ciências e biologia*, São Paulo, UPFE.

DALL' AGNOL, Darlei. (2022). *Bioética: princípios morais e aplicações*. Rio de Janeiro: DP&A.

GIDDENS, Anthony. (2016). *O mundo na era da globalização*, Brasil, Presença.

GONÇALVES, Jonas Rodrigo. (2016). *Ética geral e profissional: ensaios e reflexões*. Brasília, Processus.

HECK, José. (2011). *Bioética: Autopreservação, Enigmas E Responsabilidade*. Florianopolis Ufsc.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. (2001). *Dicionário básico de filosofia*. 3ed., Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

- JONAS, Hans. (1979). *Princípio da responsabilidade: Ensaio de uma ética para uma sociedade tecnológica*, Rio de Janeiro, PUC.
- JONAS, Hans. (1994). *Ética, medicina e técnica*. Trad., António Fernando Cascois, Lisboa.
- LEVINAS, Emmanuel. (2004). *Entre nós: ensaio sobre a alteridade*. Trad. I. A. Kuiva, J. Nedel, L.P. Wagner e M. L. Pelizolli. Petropolis, Vozes.
- LYOTARD; Jean-François. (2009). *A condição pós-moderna*; Trad., Ricardo Barbosa, 12.ed., Rio de Janeiro, José Olímpio.
- MAZULA, Brazão. (2008). *Ética, educação e criação de riquezas*. Maputo, Texto Editores.
- PONDÉ, Luís Felipe. (2014). *A era do ressentimento: uma agenda para o contemporâneo*, São Paulo: Leya.
- MORIN; Edgar. (2003). *Introdução ao pensamento complexo*. Trad., Dulce Matos, 4. Ed, Lisboa, Instituto Piaget.
- MORIN; Edgar. (2005). *Ciência com consciência*. Trad., Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória, 8. ed., Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- MOYO, Sam; O'Keefe, Phil.; Sill, Munslow. (1993). *Estudos do meio ambiente africano perfil dos países do SADC*. Londres, Earthscan.
- NGOENHA, Severino Elias. (1994). *O retorno do bom selvagem: uma perspectiva filosófica-africana do problema ecológico*. Porto, Salesianas.
- ORTETEGA Y GSSET, Jose. (2002). *A rebelião das massas*. Brasil, Jahar.
- REIS, Paulo. (2019). *Ética, Trabalho e Pesquisa na Pós-modernidade*. Brasil, UFRJ.
- SANDEL, Michael. J. (2013). *Ética na era da engenharia genética*. Trad., Ana Carolina Mesquita, Rio de Janeiro, Civilização Brasileiro.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. (1999). *Pela mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade*, Porto.
- SANTOS, Sousa Boaventura; MENESES, Maria Paula. Org. (1990). *Epistemologias do sul*. Coimbra, Almedina.

SCHOTSMANS, Paul T; SCHOCKENHOFF, Eberhard, MARKL, Hubert. (2002). *Bioética*, Brasil, KONRAD ADENAUER.

SERRES, Michel. (1990). *O contracto natural*. Lisboa, instituto Piaget.

SINGER, Peter. (1993). *Ética Prática*. Trad. Álvaro Augusto Fernandes. Lisboa, Universidade de Lisboa.

STRATHER, Paul. (1998). *Oppenheimer e a bomba atômica em 90 minutos*. Trad., Helena Geordane, [s.n.l], Zahar.

VALDO, Neusa Maria Ferraz. (2017). *Bioética: Valores Que Repousam Nas Organizações Da Modernidade Líquida*, Brasil educação, gestão e sociedade.

VATTIMO, Gianni. (1987). *O fim da modernidade Niilismo e Hermenêutica na cultura pós-moderna*. Presença, Lisboa.